

CÍCERO, DO ORADOR 1.24-77¹Adriano Scatolin²

RESUMO: O trecho traduzido divide-se em duas seções: 1.24-29 constitui a ambientação do Livro 1 e estabelece o tom do diálogo como um todo, com alusões diretas e indiretas a Platão; 1.30-77 abarca a *disputatio in utramque partem* entre os personagens Crasso e Cévola acerca do valor da eloquência e de seus requisitos.

PALAVRAS-CHAVE: Cícero, *Do orador*, retórica, oratória, filosofia

ABSTRACT: The passage selected is divided into two sections: 1.24-29 is the scenery of Book 1 and sets the tone of the dialogue as a whole, with direct and indirect allusions to Plato; 1.30-77 is the *disputatio in utramque partem* by the characters Crassus and Scaevola on the value of eloquence and its requirements.

KEYWORDS: Cicero, *De oratore*, rhetoric, oratory, philosophy

24. Então, na época em que o cônsul Felipe atacava com bastante violência a causa dos nobres, e o tribunado de Druso, assumido em defesa da autoridade do Senado, já dava mostras de instabilidade e enfraquecimento³, lembro-me de me relatarem que, nos dias dos jogos romanos⁴, Lúcio Crasso, como que para se recobrar, retirou-se para sua vila em Túsculo⁵. Dizia-se que também haviam comparecido Quinto Múcio, que fora seu sogro⁶, e Marco Antônio, aliado de Crasso em seus objetivos políticos e a ele ligado por laços de profunda amizade. 25. Haviam deixado Roma junto com Crasso dois jovens bastante íntimos de Druso e nos quais os mais velhos depositavam grandes esperanças em relação à preservação de seu

¹ Texto de base para a tradução: Kumaniecki 1969. Todas as datas referidas nas notas são a. C.

² Adriano Scatolin é professor de Língua e Literatura Latina da USP.

³ O consulado de Lúcio Márcio Felipe estabelece a data dramática do diálogo como 91, ano em que Felipe exerceu o cargo juntamente com Sexto Júlio César.

⁴ Os *ludi Romani* realizavam-se no mês de setembro, em honra a Júpiter.

⁵ A *villa* é o lugar por excelência dos diálogos ciceronianos. Leeman & Pinkster 1981: 97 *ad locum* elencam a vila que Cícero possuía em Túsculo como cenário de *Discussões Tuscultas*, *Da adivinhação* e *Dos fins* 3; a vila de Cumas para *Dos fins* 1 e a de Putéolos para *Do destino*, apenas o *Bruto* ambientando-se na casa de Cícero em Roma. Fantham 2004: 72 bem observa o contraste com o *modus scribendi* de Platão, cujos diálogos ocorrem, à exceção do *Fedro*, em espaços públicos ou privados de Atenas, e a possível motivação de Cícero em evitar a ambientação urbana: os deveres políticos e as multidões de clientes e dependentes. Podemos acrescentar que o *Bruto* seria exceção, neste caso, em virtude da Guerra Civil e do ostracismo político de Cícero na ocasião.

⁶ Cévola já não era mais sogro de Crasso, depreende-se, em virtude da morte da esposa deste, embora não se saiba exatamente a data de seu falecimento.

prestígio: Gaio Cota, então candidato ao tribunado da plebe⁷, e Públio Sulpício, que seria, logo em seguida, candidato a essa magistratura, segundo se pensava⁸. 26. No primeiro dia, eles conversaram durante muito tempo, até anoitecer, acerca da crise e da situação política em geral, motivo de haverem ido para lá⁹. Cota relatava as diversas queixas e evocações daqueles três consulares durante tal conversa, tão divinamente inspiradas¹⁰ que mal algum poderia sobrevir à cidade que já não tivessem há muito tempo percebido pairar sobre ela. 27. Relatava também que, ao fim de toda aquela conversa, tamanha era a gentileza de Crasso¹¹ que, depois de se banharem e se reclinarem para o jantar, toda a melancolia daquela primeira conversa se dissipara, e tal era a amabilidade daquele homem, e tamanha a sua graça ao falar, que o dia em meio a eles parecia digno do Senado, o banquete, da vila de Túsculo¹². 28. Contava ainda que, no dia seguinte, depois que os mais velhos, tendo já descansado o suficiente, chegaram para o passeio, Cévola, após duas ou três voltas¹³, disse:

— Por que não imitamos, Crasso, o Sócrates do *Fedro* de Platão¹⁴? É que este seu plátano me traz sua lembrança, espalhado que está por vastos ramos para dar sombra a este lugar, tanto quanto aquele cuja sombra Sócrates procurava — a meu ver, ele cresceu não tanto pelo regato propriamente dito que ali se descreve, como pelo discurso de Platão¹⁵. Ora, com certeza é mais do que justo conceder a meus pés o que ele fez com os seus, tão calejados — jogar-se na grama e falar aquilo que, segundo afirmam os filósofos, foi dito com inspiração divina. 29. Dizia que Crasso, então, respondera:

— E com mais conforto ainda! — Diziam ainda que pedira almofadas e que todos se haviam acomodado nos assentos que estavam sob o plátano¹⁶. Cota

⁷ Cota perderia esta eleição.

⁸ Sulpício seria tribuno da plebe em 89-88.

⁹ Cícero confere especial cuidado ao decoro do diálogo: as personagens não se reuniram na vila de Crasso primordialmente para descansar, como acabarão por fazer, mas para discutir política.

¹⁰ Para uma interpretação do léxico do divino no *De oratore* e sua aplicação às personagens, leia-se o excelente artigo de Stull 2011.

¹¹ A conduta de Crasso em particular, como anfitrião, mas também a das demais personagens, ao longo do diálogo, é caracterizada como urbana, refinada, afável e graciosa, como se verifica no uso de vocábulos como *urbanitas*, *comitas*, *humanitas* e cognatos. Cf. 1.35; 1. 106; 2. 227; 2. 362; 3. 1; 3. 29. Leia-se, em particular, Hall 1996.

¹² Ainda no que concerne ao esmero de Cícero na construção do decoro do diálogo, é de reparar como as personagens permanecem ativas mesmo no *otium*.

¹³ Eco verbal de Platão, *Phdr.* 229c: *duobus spatiis tribusve* [“duas ou três voltas”] retoma δὲ ἢ τρία στάδια [“dois ou três estádios”]. Para uma sistematização do pano de fundo platônico no *De oratore*, leia-se Görler 1988 (com bibliografia, n. 2).

¹⁴ *Imitatur* [“imitamos”] é metalinguístico: na ficção do diálogo, refere-se à atitude de Sócrates; fora dela, estabelece o *Fedro* como obra imitada fundamental do diálogo.

¹⁵ Platão, *Phdr.* 229b.

¹⁶ Pode-se ler essa diferença na ambientação do *Fedro* e do *De oratore* como uma afirmação do maior refinamento dos latinos em relação aos gregos, algumas vezes tratados, em tom de desprezo, como *Graeculi* ao longo do diálogo. De maneira implausível, Görler 1988: 217 vê na observação de Crasso um reconhecimento de Cícero da menor originalidade e frescor do diálogo em comparação com

costumava contar que naquele momento, para que as mentes de todos pudessem relaxar da conversa precedente, Crasso iniciara uma conversa acerca do estudo da oratória¹⁷.

30. Depois de começar observando que não lhe parecia necessário encorajar Sulpício e Cota, mas, antes, cobrir os dois de elogios por já terem atingido tamanha habilidade, conseguindo não apenas estar à frente dos jovens de sua idade, mas ser mesmo comparados aos mais velhos¹⁸, ele disse:

— Na verdade, nada me parece mais notável do que ser capaz, por meio da oratória, de dominar as multidões de homens, conquistar suas mentes, impelir para onde se queira suas vontades, desviá-las igualmente de onde se deseje. Foi sobretudo esta atividade em particular que sempre floresceu e sempre reinou em meio a qualquer povo livre, e sobretudo nas cidades que gozam de paz e tranquilidade¹⁹. 31. Pois o que é tão admirável quanto, de uma multidão infinita de homens, apresentar-se um único capaz de exercer, sozinho ou com muito poucos, o dom que a natureza concedeu a todos; ou o que é tão prazeroso de conhecer ou ouvir quanto um discurso ornado e limado com pensamentos sábios e palavras solenes; ou o que é tão poderoso e tão magnífico quanto transformarem-se as agitações do povo, os escrúpulos dos jurados, a austeridade do Senado por meio do discurso de um único homem?²⁰ 32. Além disso, o que é tão digno de um rei, tão nobre, tão generoso quanto prestar auxílio aos suplicantes, animar os aflitos, assegurar sua salvação, livrá-los dos perigos, salvar os cidadãos do exílio?²¹ E o que é tão necessário quanto ter sempre em mãos as armas com que se possa, em segurança, desafiar os desonestos ou vingar-se quando provocado?²² E mais, para não nos atermos sempre ao fórum, às bancadas, à tribunal rostral e à cúria, o que pode ser mais prazeroso, no ócio, ou mais

Sócrates e Platão. Para uma análise aprofundada do significado da mudança de ambientação no *De oratore* por contraposição ao *Fedro*, leia-se Zetzel 2003.

¹⁷ O diálogo começa e termina com a ideia de relaxamento proposta por Crasso. A ironia reside no fato de que, aqui, o relaxamento consistirá em deixar de lado os assuntos políticos e conversar sobre oratória; em 3. 230, último parágrafo da obra, o relaxamento consistirá em deixar de lado... a conversa sobre oratória!

¹⁸ O diálogo também começa e termina com observações complementares de Crasso sobre as personagens mais jovens. Aqui, nota que não é necessário encorajá-los, por estarem à frente dos coevos e quase chegar ao patamar dos mais velhos; em 3. 229-230, no entanto, o orador exorta Cota e Sulpício a esforçarem-se para superar Hortênsio, que pertence a uma nova geração e já dá mostras de excelência oratória no que diz respeito à natureza e aos estudos.

¹⁹ Cícero faz observações análogas no prólogo do diálogo, em 1. 14. Dez anos depois do *De oratore*, Cícero proclamará a morte da eloquência, decorrente da perda da liberdade ocasionada pela Guerra Civil e pela subsequente ditadura de César. Cf. *Brut.* 22: *eloquentia obmutuit* [“a eloquência emudeceu”].

²⁰ Crasso alude aqui aos três mais importantes contextos oratórios romanos: a assembleia popular, os tribunais e os debates senatoriais, respectivamente.

²¹ Objetivos das defesas empreendidas pelos patronos, em tribunal.

²² Complementarmente, a alusão agora é à função de acusador, que, mal vista como era entre os romanos, deveria ser assumida apenas em poucas situações, decorosamente, como aqui.

próprio da natureza humana do que uma conversa elegante e nada grosseira?²³ Distinguímo-nos sobremaneira dos animais particularmente por conversarmos uns com os outros e sermos capazes de expressar nossos pensamentos por meio da palavra. 33. Sendo assim, quem não terá motivo para admirá-la, considerando que é preciso dedicar-se ao máximo a superar os homens no único aspecto em que estes se distinguem dos animais?²⁴ Mas, passando já ao que é mais importante, que outro poder foi capaz de reunir num único lugar os homens até então dispersos, ou conduzi-los de sua vida selvagem e bruta para nosso atual tipo de vida, humano e social, ou, ainda, depois de já constituídas as sociedades, estabelecer leis, tribunais, direitos?²⁵ 34. Mas, para não entrar em minúcias, que são praticamente inumeráveis, encerrarei de modo breve: afirmo que não apenas a dignidade do orador perfeito, mas também a segurança da maior parte dos cidadãos privados e a de toda a República residem sobretudo em sua liderança e sabedoria. Sendo assim, continuem como estão fazendo, meus jovens, aplicando-se ao estudo a que se dedicam, para que possam proporcionar honra para si mesmos, utilidade para os amigos, proveito para a República.

35. Cévola então disse cordialmente, como de costume:

— Concordo no mais com Crasso, não diminuindo a arte ou a glória de Gaio Lélcio, meu sogro, ou de meu genro aqui presente²⁶. Porém, Crasso, receio não poder lhe conceder estes dois pontos²⁷: em primeiro lugar, ter afirmado não apenas que as cidades foram inicialmente estabelecidas pelos oradores, mas também, muitas vezes, preservadas por eles; em segundo lugar, ter concluído que, à parte o fórum, a assembleia popular, os tribunais, o Senado, o orador é completo em todo tipo de discurso e cultura. 36. Pois quem poderia conceder a você que o gênero humano, de início espalhado por montes e florestas, encerrou-se em cidadelas e muralhas não impelido pelos conselhos dos sábios, mas antes seduzido pelo discurso dos homens expressivos? Ou, ainda, que as demais vantagens de estabelecer ou preservar as cidades foram definidas, não por homens sábios e corajosos, mas por homens expressivos e de fala ornada?²⁸ 37. Acaso lhe parece que o famoso Rômulo reuniu os

²³ *Sermo facetus ac nulla in re rudis* [“conversa elegante e nada grosseira”] é metalinguístico, explicitando as características primordiais do gênero dialógico para Cícero. Se, dentro da ficção do diálogo, o comentário refere-se às conversas em geral, fora dela podemos entender a caracterização como um ideal do gênero em Cícero. Cf. 1. 27 e nota *ad locum*.

²⁴ Cícero já explorara este *tópos*, de origem isocrática (3. 5-6), no prefácio do primeiro livro do *De inventione* (1. 5). Referências em Leeman & Pinkster 1981: 111 *ad locum*.

²⁵ Também este *tópos* isocrático (3. 7; 4. 48) da função civilizatória da eloquência fora desenvolvido mais amplamente no prefácio do primeiro livro do *De inventione*. Cf. particularmente *Inv.* 1. 2-3. Referências em Leeman & Pinkster 1981: 110 *ad locum*.

²⁶ O próprio Crasso.

²⁷ Com a réplica de Cévola, começa a primeira *disputatio in utramque partem* do livro 1.

²⁸ É de notar que, com esta observação, Cévola desconsidera o fato de Crasso ter dito há pouco, em 1. 34, que a liderança e a sabedoria do orador perfeito eram fundamentais para a segurança da comunidade como um todo. Se a questão da relação entre eloquência e sabedoria, fundamental no *De oratore*, terá uma primeira resposta na tréplica de Crasso, a partir de 1. 45, ganhará um tratamento

pastores e refugiados, estabeleceu o direito de matrimônio com os sabinos, ou mesmo conteve o poderio dos povos vizinhos pela eloquência, não pela prudência e sabedoria singulares? Ora, e o que dizer de Numa Pompílio? E de Sêrvio Túlio?²⁹ E dos demais reis, que tiveram grande papel na constituição da República? Acaso aparece neles algum vestígio de eloquência? Ora, depois da expulsão dos reis, não obstante percebermos que a própria expulsão foi realizada pela inteligência, não pela língua de Lúcio Bruto³⁰, acaso não notamos que, a partir de então, havia por toda parte abundância de ideias, vazio de palavras? 38. Quanto a mim, se quisesse me servir de exemplos de nossa cidade ou das demais, poderia mencionar mais prejuízos do que vantagens causados à situação política pelos oradores mais eloquentes. Porém, deixando de lado os demais exemplos, creio que, à exceção de vocês dois, Crasso, os mais eloquentes que tive oportunidade de ouvir foram Tibério e Gaio Semprônio, cujo pai, homem prudente e austero, nem um pouco eloquente, salvou a República em diversas ocasiões, e sobretudo quando censor. Ora, não foi pela riqueza elaborada do discurso que ele transferiu os libertos para as tribos urbanas, mas por um gesto e uma palavra. Se não o tivesse feito, a República, que hoje em dia mal conseguimos manter, há muito não estaria em nossas mãos. Por outro lado, quando seus filhos, homens expressivos e preparados para discursar por todos os recursos concedidos pela natureza ou pela formação teórica, receberam em mãos a cidade em seu apogeu³¹ (fosse pela prudência do pai, fosse pelas armas dos ancestrais), arruinaram a República com sua eloquência, essa magnífica governadora das cidades, para usar sua expressão³². 39. Ora, o que dizer das antigas leis e da tradição ancestral? E dos auspícios, que nós dois, Crasso, presidimos para grande segurança da República?³³ E dos ritos e cerimônias? E deste direito civil, que já há muito tem abrigo em nossa família sem que tenhamos qualquer mérito na eloquência: acaso foram inventados, conhecidos, ou sequer tratados pelo grupo dos oradores? 40. De minha parte, guardo na memória a pessoa de Sêrvio Galba, homem divino na oratória, bem como a de Marco Emílio Porcina e a do próprio Gaio Carbão, que você

mais detido e aprofundado apenas no livro 3 (3. 56-73; 3. 126-143) — quando Cévola já terá deixado a discussão, por sinal.

²⁹ Dois dos monarcas do período real, segundo a tradição. Cévola menciona-os porque ambos são considerados fundamentais no desenvolvimento da Urbe. Numa Pompílio, de origem sabina, teria sido o segundo rei de Roma, sucedendo Rômulo. Dele, Cícero faz o personagem Cota observar, em *N.D.* 3. 5: *mihi que ita persuasi, Romulum auspicium, Numa sacris constitutis fundamenta iecisse nostrae civitatis* [“e estou convencido de que Rômulo e Numa lançaram as fundações de nossa cidade, o primeiro estabelecendo os auspícios, o segundo, os sacrifícios”]; Sêrvio Túlio, de origem latina, teria sido o sexto rei de Roma, sendo também considerado o segundo fundador da Urbe em virtude de suas reformas. Referência em Leeman & Pinkster 1981: 118 *ad locum*.

³⁰ Lúcio Júnio Bruto teria dado início, segundo a tradição, à era republicana em Roma em 510, com a expulsão de Tarquínio Soberbo.

³¹ A ideia de “apogeu” (*civitatem [...] florentissimam*) espelha o que Cícero afirmara em própria pessoa no prólogo do diálogo, em 1. 1 (*in optima re publica*, “no apogeu da República”).

³² Crasso não usara tal expressão para referir-se à eloquência...

³³ Na qualidade de áugures. Cévola entrara para o Colégio dos Áugures em 129, Crasso, em data incerta.

derrotou quando era ainda bastante jovem: desconhecedores das leis, pouco seguros sobre as instituições dos antepassados, ignorantes em direito civil. E excetuando você, Crasso, que aprendeu conosco o direito civil mais por seu zelo do que por alguma obrigação da parte dos expressivos, esta sua geração desconhece a tal ponto o direito que chega a ser por vezes constrangedor. 41. Quanto a você ter concluído, ao fim de sua fala, como se tivesse o direito, que o orador é capaz de participar de discussões sobre qualquer tópico com extrema eloquência, não fosse o fato de estarmos em seu domínio eu não o toleraria, e ditaria as fórmulas a muita gente, fosse para litigarem com você o edito do pretor ou para o convocarem a uma contestação em tribunal, por ter invadido de maneira tão temerária as propriedades alheias³⁴. 42. Tomariam medidas legais contra você, em primeiro lugar, os pitagóricos todos, e os discípulos de Demócrito reivindicariam em tribunal o que lhes era de direito juntamente com os demais filósofos da natureza³⁵, homens de oratória ornada e grave, com os quais não lhe seria permitido disputar o depósito legal. Além disso, viriam em seu encalço as seitas de filósofos já desde sua ilustre fonte e nascente, Sócrates, provando que você não aprendeu nada, não investigou absolutamente nada, não sabe nada sobre o bem na vida, nada sobre o mal, nada sobre as paixões, nada sobre o caráter dos homens, nada sobre as normas de conduta³⁶. E, quando todos eles tivessem feito sua investida contra você, cada escola lhe intentaria um processo. 43. Viria persegui-lo a Academia, obrigando-o a negar o que quer que tivesse afirmado³⁷. Os nossos estoicos, por sua vez, o manteriam enredado nas tramas de suas discussões e argumentações³⁸. Já os peripatéticos provariam que é preciso buscar junto a eles aquilo mesmo que você julga serem os recursos e ornamentos do discurso próprios dos oradores, e mostrariam que Aristóteles e Teofrasto escreveram não apenas melhor, mas muito mais sobre tais temas do que todos os mestres de oratória³⁹. 44. Deixo de lado os matemáticos, os gramáticos, os músicos, com cujas artes essa sua faculdade oratória não se liga sequer pela mais tênue relação. É por isso, Crasso, que não considero que ela tenha tanto valor e traga tantos benefícios. Já é bastante grandioso você poder afiançar que, nos julgamentos, a causa que defende, qualquer que seja, pareça melhor e mais plausível; que o seu discurso tenha grande poder de persuasão nas assembleias populares e nos pareceres do Senado; enfim, que aos sábios pareça discursar expressivamente, aos tolos, também com propriedade. Se você puder mais do que isso, considerarei que não é um orador quem o pode, mas Crasso, com a capacidade que lhe é própria, não com a que é comum aos oradores.

³⁴ Cícero, jocosamente, empresta a Cévola o jargão legal, próprio de sua especialidade.

³⁵ Referência à física ou filosofia da natureza, um dos três ramos da filosofia antiga.

³⁶ Referência ao ramo ético, ou moral, da filosofia antiga.

³⁷ Referência ao ceticismo da Nova Academia, que advogava a impossibilidade de se alcançar a verdade e a adoção do verossímil em cada situação como o mais próximo desta.

³⁸ Referência ao ramo lógico da filosofia antiga: Cévola alude à dialética estoica.

³⁹ Cévola alude às obras retóricas de Aristóteles e Teofrasto. Aristóteles, além de sua célebre *Retórica*, também escrevera um diálogo de juventude sobre o tema, o *Grylo*, e a *Coletânea das artes*, compilação dos manuais de retórica até sua época. Teofrasto desenvolvera aspectos pontuais da doutrina, como a atuação e a doutrina das virtudes do discurso.

45. Disse então Crasso, em resposta:

— Não ignoro, Cévola, que é costume entre os gregos falar e debater acerca de tais questões. De fato, tive a oportunidade de ouvir homens importantes ao ir, quando questor⁴⁰, da Macedônia para Atenas no auge da Academia, segundo se dizia na época, quando esta era dirigida por Cármadas, Clitômaco e Ésquines⁴¹. Havia ainda Metrodoro, que, juntamente com eles, fora zeloso discípulo do ilustre Carnéades, o mais arguto e fértil de todos os homens, segundo se dizia, na oratória, e eram influentes Mnesarco, discípulo de seu caro Panécio, e Diodoro, discípulo do peripatético Critolau⁴². 46. Havia, além disso, muitos outros filósofos ilustres e famosos, e eu via todos eles, quase a uma só voz, afastarem o orador do leme das cidades, excluí-lo de qualquer espécie de doutrina e conhecimento dos temas mais elevados, relegá-lo e confiná-lo apenas aos tribunais e às assembléias populares de pouca monta, tal como se faz com os escravos nos moinhos⁴³. 47. Mas eu mesmo não concordava com eles nem com o inventor e originador de tais discussões, de longe o mais solene e eloquente de todos na oratória, Platão, cujo *Górgias* li então muito atentamente com Cármadas, em Atenas. Nesse livro, admirava Platão sobretudo pelo fato de, ao zombar dos oradores, parecer ele próprio um exímio orador. De fato, já há muito a controvérsia em torno de uma palavra atormenta esses greguinhos, mais ávidos de disputa do que da verdade⁴⁴. 48. Ora, ainda que alguém tenha estabelecido que orador é aquele que é capaz de falar copiosamente apenas perante o pretor⁴⁵ ou nos tribunais, ou ainda perante o povo ou no Senado, é preciso que atribua e conceda muitos conhecimentos ao orador assim definido: é que sem o estudo aprofundado de todos os assuntos públicos, ou sem o conhecimento das leis, da tradição, do direito, e sem conhecer a natureza e o caráter dos homens, não é possível que fale desses próprios temas com habilidade e perícia⁴⁶. Já quanto àquele que tomou conhecimento de tais coisas, sem as quais ninguém é capaz de defender apropriadamente sequer as questões mais elementares, que conhecimento das mais importantes poderá lhe

⁴⁰ A data da questura de Crasso é incerta, variando os prosopógrafos entre 111-110 (Sumner1973: 97) e 109 (Broughton 1951: 546). Embora Crasso refira-se aqui à Macedônia, em outras passagens fala-se da Ásia como a província em que Crasso fora questor (2. 360; 2. 365; 3. 75). Referências em Leeman & Pinkster 1981: 137 *ad locum*.

⁴¹ Cármadas (c. 165-91), Clitômaco (187/6-110/109), Ésquines (d. i.), Metrodoro (c. 170-?), filósofos acadêmicos discípulos de Carnéades (214/3-129/8).

⁴² Mnesarco (d. i.) e Panécio (c. 185-109), filósofos estoicos; Diodoro (d. i.) e Critolau (d. i.), peripatéticos.

⁴³ A ideia de restringir o campo do orador é jocosamente comparada por Crasso aos moinhos, que eram empurrados em movimento circular e repetitivo por escravos ou mulas.

⁴⁴ A desqualificação de Platão, neste contexto, em nítido contraste com a admiração e a solenidade com que Cévola o mencionara em 1. 29, parece relacionada à obra aludida em cada passo — aqui, o *Górgias*, lá, o *Fedro* — e a maneira como a retórica é apresentada em cada uma.

⁴⁵ Referência ao procedimento preliminar dos processos, no qual o caso era submetido à aprovação do pretor segundo a lei concernente à acusação.

⁴⁶ Mesmo que se adote a posição mais circunscrita do papel do orador, como aqui, o princípio de que falar bem demanda o entendimento do assunto faz Crasso insistir na necessidade de experiência política e de conhecimentos variados de sua parte.

faltar? Mas, se você pretende que não cabe ao orador senão falar de maneira ordenada, ornada, copiosa, eu me pergunto: como pode ele conseguir precisamente isso sem o conhecimento que vocês não lhe concedem? Pois não pode haver mérito no discurso a não ser que aquele que virá a falar tenha apreendido também o assunto de que falará. 49. Sendo assim, se, tal como se diz e me parece correto, o ilustre filósofo da natureza, Demócrito, falava ornadamente, a matéria de que tratava deve ser considerada própria do filósofo da natureza, mas o ornato das palavras propriamente dito, do orador. E se Platão falava de modo divino acerca de temas bastante distantes das controvérsias civis, como concedo, e se, do mesmo modo, Aristóteles, Teofrasto, Carnéades eram eloquentes nos temas que discutiam, bem como agradáveis e ornados em sua fala, mesmo que os temas que discutem residam em outras disciplinas, o discurso em si é próprio apenas desta doutrina acerca da qual falamos e investigamos⁴⁷. 50. Efetivamente, observamos que alguns filósofos discutiram os mesmos temas de modo árido e seco, tal como fez aquele que afirmam ser agudíssimo, Crisipo, que não deixou de fazer jus à filosofia por não apresentar essa capacidade oratória provinda de uma arte alheia. Logo, que diferença há, ou como se discernirão a riqueza e a abundância oratórias daqueles que citei, da aridez daqueles que não se servem dessa variedade e refinamento oratórios? Haverá claramente um elemento que aqueles que discursam bem devem apresentar como característico: um discurso ordenado, ornado e distinto por algum artifício e embelezamento. Quanto a esse discurso, se não há em sua base um tema apreendido e conhecido pelo orador, é forçoso que não seja coisa alguma ou que seja ridicularizado pelo escárnio geral. 51. De fato, o que há de tão insano quanto o som vazio das palavras, mesmo as melhores e mais distintas, sem um pensamento ou conhecimento subjacente? Portanto, do que quer que se trate, qualquer que seja a arte de que provenha, qualquer que seja a situação, se o orador instruir-se tal como na causa de um cliente, discursará melhor e com mais distinção do que o próprio inventor e especialista no assunto. 52. Se houver alguém que afirme que há certos pareceres e causas próprios dos oradores, bem como um conhecimento de determinadas questões circunscrito aos limites do fórum, eu admitirei, de minha parte, que nosso discurso versa com maior frequência sobre elas. No entanto, dentre essas próprias questões, há inúmeras que esses mestres a que chamam rétores não ensinam nem dominam⁴⁸. 53. Pois quem desconhece que o poder do orador manifesta-se sobretudo quando incita as mentes dos homens à ira, ao ódio ou à indignação, ou quando as reconduz dessas mesmas paixões à brandura e à

⁴⁷ Crasso estabelece a *oratio* [“discurso”, mas também “maneira de falar”] como o domínio do orador, ficando os conhecimentos específicos como território das demais artes. A base para se atingir o correto modo de falar, porém, são justamente os conhecimentos específicos, segundo Crasso (1. 50, abaixo). O raciocínio de Crasso responde não apenas às objeções de Cévola, mas também, e talvez principalmente, à tradição antirretórica platônica iniciada com o *Górgias*, há pouco mencionado pelo personagem, segundo a qual a retórica seria uma arte sem objeto. Repare-se no plural utilizado por Crasso em 1. 48 e 1. 59, “*conceditis*”.

⁴⁸ Tendo se afastado dos filósofos, Crasso toma agora distância dos rétores, na disputa entre os dois campos.

misericórdia? Por isso, a não ser que tenha um conhecimento aprofundado dos temperamentos dos homens, bem como de toda a natureza humana e das causas pelas quais se incitam ou apaziguam as mentes, o orador não será capaz de realizar o que deseja pelo discurso⁴⁹. 54. Ora, todo este terreno é considerado domínio dos filósofos, e jamais consentirei que um orador se oponha a isso. Porém, mesmo que lhes conceda o conhecimento dos temas, uma vez que pretendem dedicar-se exclusivamente a ele, o orador tomará para si o tratamento do discurso, que, sem aquele conhecimento, é inexistente. É que é próprio do orador, como já disse muitas vezes, um discurso grave, ornado e adequado às concepções e às mentes dos homens. 55. Admito que Aristóteles e Teofrasto escreveram sobre tais temas. Mas repare, Cévola, se isso não está inteiramente a meu favor, pois não lhes tomo emprestado os elementos que têm em comum com o orador: eles concedem que os temas que discutem são domínio dos oradores. Dessa forma, intitulam e designam seus outros livros de acordo com o nome de sua arte, a estes denominam “retóricos”. 56. Efetivamente, quando aparecerem no discurso aqueles lugares-comuns — porque inúmeras vezes temos de falar dos deuses imortais, da devoção, da concórdia, da amizade, do direito comum dos cidadãos, do direito dos homens e do direito dos povos, da equidade, da temperança, da magnanimidade, de todo tipo de virtude —, clamarão, creio eu, todos os ginásios e todas as escolas dos filósofos que todos esses temas lhes são próprios, de seu domínio, de forma alguma concernentes ao orador. 57. Embora lhes conceda que discutam sobre tais temas no recôndito das salas de aula para passar o tempo livre, atribuirei e confiarei ao orador a tarefa de desenvolver com todo o encanto e gravidade os mesmos temas sobre os quais eles debatem numa linguagem simples e sem vigor. Eu discutia pessoalmente tais temas com os filósofos em Atenas, naquela ocasião. De fato, obrigava-me a tal o nosso caro Marco Marcelo, que agora é edil curul e com certeza participaria desta nossa conversa, caso não estivesse promovendo os jogos; e já naquela época, ainda muito jovem, era admiravelmente dedicado a tais estudos.

58. Já quanto ao estabelecimento das leis, da guerra, da paz, dos aliados, dos tributos, do direito dos cidadãos dividido por categorias, de acordo com a ordem e a idade, que os gregos afirmem, se quiserem, que Licurgo e Sólon — apesar de pensarmos que devem ser enumerados entre os eloquentes — tinham, a respeito, melhor conhecimento do que Hipérides ou Demóstenes, homens já completos e refinados na oratória, ou que nossos conterrâneos prefiram, neste ramo, os decênviros que escreveram as doze tábuas, que eram forçosamente sábios, a Sêrvio Galba e seu sogro Gaio Lélcio, homens de reconhecida distinção pelo renome na oratória. 59. Jamais negarei a existência de determinadas artes próprias daqueles que depositaram todo o seu empenho no aprendizado e tratamento de tais temas, mas direi que o orador completo e perfeito é aquele capaz de falar sobre todos os assuntos de maneira abundante e variada. Efetivamente, não raro surge, naquelas causas que

⁴⁹ Em resposta a Cévola (1. 42) e espelhando uma observação do próprio Cícero, no prólogo (1. 17), Crasso aponta a necessidade do conhecimento e uso das emoções por parte do orador para que atinja seus objetivos. Crasso insiste nesse ponto em 1. 60.

todos reconhecem como próprias dos oradores, algum elemento que é preciso tomar, não à prática pública, única que vocês concedem ao orador, mas a alguma ciência mais obscura. 60. Realmente, eu me pergunto se é possível discursar contra ou a favor de um comandante sem que se tenha experiência militar ou, muitas vezes até, o conhecimento das regiões terrestres e marítimas⁵⁰; se é possível discursar perante o povo acerca da aprovação ou do veto das leis, ou, no Senado, acerca de qualquer aspecto da política, sem um enorme conhecimento e discernimento das questões civis; se é possível empregar o discurso para inflamar ou mesmo apaziguar os sentimentos e emoções, por excelência o fator de maior importância num orador, sem uma investigação extremamente cuidadosa e completa de todas as doutrinas desenvolvidas pelos filósofos acerca da natureza e do caráter do gênero humano. 61. Talvez eu não seja muito convincente para vocês, mas, de minha parte, não hesitarei em dizer o que penso: a própria filosofia da natureza e o que você considerou há pouco como próprio da matemática e das demais artes, fazem parte da ciência dos que delas fazem profissão. Porém, se alguém quiser que essas mesmas artes ganhem lustro pelo discurso, terá de recorrer à faculdade do orador. 62. E se é sabido que Fílon, o célebre arquiteto que construiu o arsenal para os atenienses, prestou contas de sua obra ao povo de maneira extremamente expressiva, nem por isso se deve considerar que sua expressividade era devida antes à arte do arquiteto que à do orador. E se coubesse a este Marco Antônio, aqui presente, discursar em favor de Hermódoro acerca da construção dos estaleiros, depois de estudar a causa com ele, discursaria ornada e ricamente acerca de uma arte alheia. Já Asclepiades, aquele de quem nos valíamos como médico e amigo, quando superava os demais médicos pela eloquência, não usava a faculdade da medicina ao empregar a fala ornada em si, mas a da eloquência. 63. Mais plausível, embora não seja verdade, é o que Sócrates costumava dizer: todos são eloquentes o bastante naquilo que conhecem. Mais verdadeiro, porém, é que ninguém pode ser expressivo naquilo que desconhece, e ninguém é capaz de falar com expressividade sobre aquilo que conhece, se, tendo um grande conhecimento, ignorar como se compõe e lima um discurso. 64. Por isso, se quisermos definir e delimitar a essência completa e própria do orador, será, na minha opinião, um orador digno de tão importante nome aquele que, qualquer tema que surja passível de desenvolvimento pela palavra, discursar com discernimento, ordem, elegância, boa memória, bem como, ainda, com certa imponência em sua atuação. 65. Mas, se alguém considerar a expressão proposta, “qualquer que seja o assunto”, irrestrita demais, cada um tem o direito de suprimir e cortar o quanto lhe parecer bem. No entanto, continuarei sustentando que, ainda que o orador ignore o que se encontra nas demais artes e ramos de estudo e domine apenas o que pertence às discussões e à prática públicas, se lhe couber discursar acerca daqueles temas, aprenderá o que concerne a cada tema com aqueles que o dominam, e discursará melhor, enquanto orador, do que aqueles a quem tais artes dizem propriamente

⁵⁰ Como notam os comentadores, este fora exatamente o caso do *De lege Manilia*, discurso que Cícero pronunciara 11 anos antes da escrita do *De oratore*, em 66, defendendo a transferência do comando da guerra contra o rei Mitridates do Ponto de Luculo para Pompeu.

respeito. 66. Assim, se Sulpício, aqui presente, tiver de discursar sobre um tema militar, interrogará Gaio Mário, meu parente por afinidade, e, depois de se instruir, fará uma exposição tal, que até ao próprio Mário quase parecerá entender mais do tema do que ele mesmo. Mas, se tiver de discursar sobre o direito civil, entrará em contato com você e, pela arte oratória, irá superá-lo, embora você seja bem mais sábio e experiente, exatamente naquilo que aprender com você. 67. Mas, se deparar com um caso em que se veja obrigado a discursar acerca da natureza, dos vícios dos homens, dos desejos, da justa medida, da moderação, da dor, da morte, entrará talvez em contato, se lhe parecer bem — embora o orador deva conhecer mesmo tais temas —, com Sexto Pompeu, homem de instrução filosófica. Isso sem dúvida fará que discursar acerca de qualquer tema que tenha aprendido com cada um com mais elegância do que aquele mesmo com quem aprendeu. 68. Ora, se ele me der ouvidos, uma vez que a filosofia se divide em três partes, os segredos da natureza, a sutileza da dialética, a vida e os costumes, deixemos de lado as duas primeiras, relegando-as a nossa indolência. Quanto à terceira, que sempre foi própria do orador, se não a dominarmos, não lhe deixaremos nada em que possa ser grandioso. 69. É por isso que todo esse tópico da vida e dos costumes deve ser estudado a fundo pelo orador. Ainda que não estude os demais, poderá, caso necessário, orná-los pelo discurso, contanto que lhe sejam dados a conhecer e transmitidos. E, realmente, se é sabido entre os doutos que um desconhecedor da astronomia, Arato, falou do céu e dos astros em versos elegantíssimos e excelentes; que um homem totalmente alheio ao campo, Nicandro de Colofon, escreveu de maneira primorosa sobre agricultura devido a uma capacidade poética, não de agricultor; por que motivo o orador não poderá discursar com extrema eloquência acerca dos temas de que se inteirou para determinada causa e circunstância? 70. De fato, o poeta está muito próximo do orador, sendo um pouco mais limitado pelo metro, mais livre, porém, pela licença no uso das palavras, colega e quase igual em muitos tipos de ornamento. Certamente são quase idênticos num ponto: não circunscrever ou restringir o seu direito por qualquer limite que os impeça de vagar por onde quiserem com a mesma capacidade e riqueza. 71. E na verdade, quanto ao que você afirmou que não toleraria caso não estivesse em meu domínio — eu ter falado que todo orador deve ser perfeito em toda espécie de discurso, em todos os aspectos da cultura —, eu seguramente nunca o diria se julgasse ser eu mesmo o orador que concebo. 72. Ora, concordo com o que Gaio Lucílio, um homem um tanto agastado contra você — e, por isso mesmo, menos próximo de mim do que desejava —, porém culto e extremamente refinado, costumava repetir: ninguém que não seja cultivado em todas as artes dignas de um homem livre deve ser contado entre os oradores. Ainda que não as usemos ao discursar, torna-se claro e manifesto se as conhecemos ou não. 73. É como os que jogam a pela: não empregam, durante o jogo em si, a técnica própria da palestra, mas o próprio movimento indica se têm ou não conhecimento desta; e como os que fazem uma escultura: ainda que não se sirvam de uma pintura, não é difícil perceber se sabem ou não pintar. Desse modo, nesses mesmos discursos dos tribunais, das assembleias populares, do Senado, ainda que não se empreguem propriamente as

demais artes, logo fica claro se aquele que discursa esteve apenas a se debater nesta atividade declamatória ou se passou a discursar instruído em todas as artes liberais.

74. Disse então Cévola, sorrindo:

— Não lutarei mais com você, Crasso, pois aquilo que falou contra mim, você o fez com uma habilidade tal, que concordou comigo em relação ao que não era, a meu ver, domínio do orador, para, em seguida, não sei como, o distorcer e atribuir ao orador como próprio⁵¹. 75. Quando me dirigi a Rodes, como pretor⁵², e conversei com o excelente mestre dessa sua disciplina, Apolônio, sobre o que eu aprendera com Panécio, ele zombou da filosofia, como de costume, e a condenou, fazendo diversas observações mais jocosas do que sérias. O seu discurso, por outro lado, foi de tal natureza, que você não desprezou qualquer arte ou doutrina, mas afirmou que todas elas são companheiras e servidoras do orador⁵³. 76. Se alguém tiver, sozinho, o domínio de todas elas, e se essa mesma pessoa acrescentar-lhes essa faculdade do discurso minuciosamente ornado, não posso negar que será absolutamente ilustre e admirável. Mas tal pessoa, se existisse, ou ainda se tivesse alguma vez existido, ou mesmo se pudesse existir, com certeza seria apenas você, que não somente em minha opinião, mas na de todos, quase não deixou motivo de louvor para os demais oradores — sem ofensa para os presentes. 77. Porém, se a você mesmo nada falta saber que diga respeito às questões públicas e civis, e se tem o domínio daquele conhecimento que acrescenta ao orador, cuidemos para não atribuir a ele mais do que os fatos e a própria realidade o permitem.

Referências

Broughton, T. R. S. **The Magistrates of the Roman Republic**. Volume I: 509 B.C.—100 B.C. New York, The American Philological Association, 1951.

Fantham, E. **The Roman World of Cicero's *De oratore***. Oxford, Oxford University Press, 2004.

Görler, W. "From Athens to Tusculum: Gleaning the Background of Cicero's *De oratore*". *Rhetorica*, Volume VI, Number 3 (Summer 1988).

⁵¹ Efetivamente, Crasso, num primeiro movimento, restringe o domínio do orador ao discurso, deixando aos representantes das demais artes o domínio de seus conhecimentos específicos. Num segundo movimento, porém, ao afirmar que o discurso só é possível quando subjaz o conhecimento do assunto tratado pelo orador, o personagem dá a entender, embora isso não seja explicitado, que os conhecimentos específicos fazem, de uma forma ou de outra, parte do domínio do orador.

⁵² Em 98 (?).

⁵³ Cévola chama a atenção para a posição intermediária entre filósofos e rétores adotada por Crasso. Cf. 1. 52 e nota *ad locum*.

- Hall, J. "Social Evasion and Aristocratic Manners in Cicero's *De oratore*". *The American Journal of Philology*, Vol. 117, No. 1, pp. 95-120 (Spring, 1996).
- Kumaniecki, K. F. (ed.). **M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia. Fasc. 3: De oratore.** Leipzig, Teubner Verlagsgesellschaft, 1969.
- Leeman, A. D. & Pinkster, H. (com.), **M. Tullius Cicero De oratore libri III—Kommentar**, Band 1. Heidelberg, Carl Winter Universitätsverlag, 1981.
- Stull, W. "*Deus ille noster*: Platonic Precedent and the Construction of the Interlocutors in Cicero's *De oratore*". *Transactions of the American Philological Association*, Volume 141, Number 2, pp. 247-263 (Autumn 2011).
- Sumner, G. V. **The orators in Cicero's *Brutus*: Prosopography and Chronology.** Toronto, University of Toronto Press, 1973.
- Zetzel, J. "Plato with Pillows — Cicero on the Uses of Greek Culture". Braund, D. & Gill, C. (eds.). *Myth, History and Culture in Republican Rome. Studies in Honour of T. P. Wiseman.* Exeter, University of Exeter Press, 2003, pp. 119-138.